



A produção fotojornalística no laboratório de jornalismo impresso da UFCA: um estudo de caso da Revista Caracteres¹

Emanoella Callou BELÉM²

Hanna França MENEZES³

José Anderson Freire SANDES⁴

Juliana Lotif ARAÚJO⁵

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

O presente trabalho é uma análise das imagens produzidas pelos estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri-UFCA para a Revista Caracteres no Laboratório de Jornalismo Impresso. O objeto desse estudo é o fotojornalismo produzido pelos estudantes na referida revista. Pretende-se analisar como as diversas técnicas e conceitos do fotojornalismo foram aplicados pelos discentes para a criação e seleção das imagens para a revista. A revista é um produto onde culminam as práticas laboratoriais e um espaço para a vivência da profissão pelos discentes. Através desse produto observa-se o resultado dos conhecimentos adquiridos nas diversas disciplinas técnicas e teóricas do curso.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo, Revista, Jornalismo Impresso.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é analisar a produção fotojornalística da revista Caracteres produzida pelo laboratório de Jornalismo Impresso através de análise minuciosa das técnicas aplicadas pelos estudantes na atividade laboratorial prática. Para isso, serão observadas as imagens presentes na edição 03 da revista (produzida no semestre 2014.2), por meio de uma metodologia que identifique a linguagem fotojornalística e os conceitos aplicados na revista.

As práticas laboratoriais são de fundamental importância no curso de Jornalismo, pois dão condições ao estudante de realizar um exercício profissional ainda durante sua graduação. Esse processo de experimentação e execução de conhecimentos teóricos e técnicos adquiridos nas disciplinas Fotografia (terceiro semestre) e Fotojornalismo

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado 02 a 04 de julho de 2015

² Técnica de Laboratório do Curso de Jornalismo da UFCA, email: emanoellacb@gmail.com

³ Técnica de Laboratório do Curso de Jornalismo da UFCA, email: hannamenezes@gmail.com

⁴ Professor do Curso de Jornalismo da UFCA, email: josesandes@cariri.ufc.br

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFCA, email:juliana.lotif@ufca.edu.br



(quarto semestre) integram os estudantes na problemática da futura profissão e proporcionam uma visão global da prática jornalística (LOPES, 1989).

A Revista Caracteres é produzida anualmente na disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri - UFCA. Em sua terceira edição, trabalhada durante os três últimos anos da disciplina, a revista é pensada por professores, técnicos e estudantes. Discute-se na sala de aula desde a política editorial, a pauta, as fontes e a execução da matéria (apuração e narração) até a escolha das imagens produzidas pela equipe e a diagramação.

A edição de 2014.2 tem como tema a cultura na região do Cariri. Uma cultura que sobrevive em meio a muitas mudanças. O objetivo foi ressaltar essa cultura, impactada por tantas transformações, com um novo enfoque, tanto na produção de textos como na fotografia. Os estudantes participaram de todas as etapas da produção da revista - do texto, produção da imagem e diagramação.

A linguagem visual foi preponderante na concepção da edição. O projeto gráfico foi construído a partir do registro visual e textual produzido pelos estudantes. Todos participaram ativamente da diagramação de suas matérias, reescrevendo textos e escolhendo fotos. Cada matéria apresenta um relato de experiência do estudante na construção de todas as etapas da publicação.

Nesse sentido, buscou-se refletir como os conceitos teóricos e práticos das disciplinas de fotojornalismo influenciam na construção do produto visual de uma revista-laboratório. Tomando base os estudos de Kossoy (2011) e Kobre (2009), foi realizada uma análise das cinquenta imagens produzidas pela revista.

Para alcançar seu objetivo o repórter fotojornalista precisa desenvolver habilidades que facilitarão a prática cotidiana da profissão, ou seja, observar o lado humano, buscar um plano geral da cena, prever momentos de violência e ter seu equipamento sempre preparado para captar a melhor imagem. (KOSSOY, 2011)

Segundo Oliveira (2009), a fotografia de imprensa é um testemunho tanto da câmera quanto do fotógrafo, mas apenas este pode dar sentido a ela e, assim como o escritor,



assume a responsabilidade pelo que escreve, o fotógrafo assume a responsabilidade pela imagem captada. Além de complementar a matéria, a imagem representa com mais rigor o acontecimento narrado nas múltiplas implicações - emotivas, informativas, gráficas e íntimas.

As imagens produzidas pelos estudantes para a revista Caracteres são interpretadas, quanto os aspectos técnicos e estéticos do fotojornalismo, num constante diálogo com o texto. Para a análise, foi construída uma tabela baseada nos critérios de seleção das imagens de acordo com algumas das estratégias apresentadas por Kobre (2011). Após a classificação e contagem das imagens, estudou-se os pontos nos quais foram classificadas as imagens, utilizando-se a metodologia de análise e interpretação das fontes fotográficas proposto por Kossoy (2009): A desmontagem do signo fotográfico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com o aumento da quantidade de novas mídias e de sua convergência para a distribuição de notícias na Internet, as habilidades jornalísticas estão se mesclando e combinando com habilidades relacionadas com tecnologia. De acordo com Kobre (2011), a função do fotojornalista é produzir a notícia com câmeras, procurar notícias e registrá-las de uma forma visual.

Com o crescimento da quantidade de dispositivos e plataformas de notícias *on-line*, a imagem adquire um papel ainda maior de destaque. Kobre (2011) reflete sobre como uma única imagem poderia vir a narrar toda a matéria, que se propagaria na Internet como uma peça multimídia. As notícias acontecem e as fotografias mais dramáticas resultam de fotógrafos vigilantes para descobrirem notícias de última hora. O olhar atento é primordial, para conseguir sintetizar em uma, ou algumas imagens, toda uma história a ser noticiada.

As questões éticas que devem orientar o trabalho dos repórteres fotográficos, nunca foram tão discutidas quanto na atualidade, por conta das novas tecnologias de captação digital e pelas possibilidades de manipulação. De acordo com o novo Código de Ética dos Jornalistas, atualizado em 2007:



O jornalista deve rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotorreamento, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações. (OLIVEIRA, p 107 ,2009)

Toda discussão que envolve a questão das manipulações se baseia na própria natureza da fotografia, que é de ser um índice, evidência, prova de alguma coisa, de ser ícone, por sua semelhança ou objeto, ao mesmo tempo, em que é símbolo, representação, manifestação ideológica. Entre essas visões, debate-se a ética que deve orientar a produção fotojornalística. (Oliveira,2009).

De acordo com Kossoy (2001) o fotógrafo é um filtro cultural que elege um determinado aspecto do real, com seu respectivo tratamento estético e preocupação na organização visual dos detalhes que compõe o assunto. O mesmo vale para a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: “todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural.”

O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal.

Toda fotografia é produzida com uma finalidade. Se um fotógrafo desejou ou foi incumbido de retratar determinado personagem ou situação, os registros produzidos têm uma finalidade documental, representando assim um meio de informação de valor documental e iconográfico. Isso não implica, no entanto, que essas imagens sejam despidas de valores estéticos (KOSSOY,2011).

A experiência do estudante com a fotografia no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri, começa no terceiro semestre com a disciplina de fotografia. Esta é uma disciplina mais teórica, mas com algumas atividades práticas propostas pelo professor. A disciplina de Fotojornalismo é ofertada no quarto semestre e traz uma experiência prática maior. Nela os estudantes geralmente trabalham em equipe a partir da seleção do tema e realização do trabalho fotográfico.



O estudante de Jornalismo da UFCA conta, assim, com duas disciplinas obrigatórias de fotografia, além das optativas e da possibilidade de se especializar caso opte pelo laboratório. Neste trabalho, o foco é para a disciplina de Fotojornalismo e como suas teorias e práticas influenciaram na realização das imagens para revista Caracteres.

De acordo com o Plano de Ensino de Fotojornalismo, a disciplina se justifica por agregar conhecimento à formação dos estudantes na área do jornalismo, especificamente da presença da fotografia e de seu papel no referido contexto. Assim, busca-se aprimorar a capacidade de produção e leitura da imagem fotográfica, dando ferramentas para a compreensão do seu discurso e da sua mensagem, sobretudo, no contexto contemporâneo. As experiências práticas desenvolvidas na disciplina, visam complementar os conhecimentos técnicos adquiridos anteriormente, possibilitando a experiência fotojornalística por meio de trabalhos cuja escolha será dos próprios discentes.

As pautas fotojornalísticas são desenvolvidas pelos estudantes, dentro da disciplina, após os estudos da história da fotografia, da pauta fotográfica, de trabalhos de campo e contexto editorial e análise crítica do material fotográfico, passando por discussões importantes sobre ética e fotojornalismo e a era digital e os novos paradigmas na fotografia. No trabalho prático, os estudantes definem um tema e passam a desenvolver o trabalho de fotografar semanalmente para a composição de um ensaio. O trabalho, desde a escolha do objeto até a reflexão sobre suas implicações éticas e as possibilidades para o seu desenvolvimento é uma proposta a ser desenvolvida e analisada pelos discentes para a conclusão e apresentação de seu trabalho final.

O curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri possui uma matriz curricular que proporciona ao estudante o desenvolvimento de atividades práticas em várias áreas de conhecimento (telejornalismo, fotojornalismo, jornalismo impresso, assessoria de imprensa, jornalismo na internet, radiojornalismo, etc.). No sexto semestre, o curso oferta as disciplinas laboratoriais, onde o estudante deve optar pelo laboratório que mais se identifica, com o objetivo de aprofundar seus conhecimentos naquela área.



Ao longo do semestre o estudante participa da elaboração desses dois produtos, desde a pauta até a finalização para impressão. São discutidas as diversas questões relacionadas com o jornalismo - pauta, apuração e narração da notícia. Passando-se pelas questões dos gêneros jornalístico: informativos e opinativos.

Tanto o jornal, quanto a revista se desenham a partir de decisões tomadas pelos estudantes. A pré-pauta é discutida por todos. Não apenas os aspectos textuais, mas também fotos, tabelas, infográficos dentro de uma lógica de produção profissional bastante criativa. A revista laboratorial, no entanto, é o principal produto, tendo em vista a sua formatação, durabilidade das matérias, e no caso da UFCA, a proposta de se trabalhar com uma revista temática.

No entanto, contrário ao jornal diário, o jornalismo de revistas tem suas especificidades. As revistas são semanais, quinzenais, mensais. Até anuais. Propõem diferentes perspectivas. São expandidas, sua periodicidade é alongada.

Valorizam reportagens, entrevistas, infográficos e muitas fotografias. Ritmo, jeito, equilíbrio, apresentação, símbolos. O 'mundo' apresentado pela revista é um 'mundo' criado pela relação entre atualidade (na qual se encontram os acontecimentos e personagens) e a expectativa da comunidade de leitores.

Ao estudar a pauta, a apuração e a narração da notícia nos deparamos com difíceis discussões. O valor do fato, respeito ao outro, ética, leitura antes da publicação, modelo organizativo, relacionamento com as fontes. Questões teóricas sempre presentes nas aulas práticas.

Na sua terceira edição, a Revista Caracteres lança um olhar sobre o atual estágio cultural do Cariri. Atual no sentido de "acontecências" - tempo e espaço dilatado onde encontramos assuntos e personagens para a nossa publicação. A imagem tem destaque decisivo nas matérias,

Nas disciplinas laboratoriais o estudante tem a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos teóricos e técnicos. Dentre as etapas de produção de uma revista, a



produção fotojornalística é uma das etapas mais importantes, pois o material coletado muitas vezes define o espaço da matéria dentro da revista.

A produção fotojornalística requer do estudante/jornalista um olhar sensível, capaz de relatar, no espaço da imagem, a síntese da notícia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho está dividida em duas partes: classificação e análise das imagens da revista. Para a classificação das imagens nas reportagens da revista Caracteres, edição 03, foi construída uma tabela a partir da categorização das imagens de acordo com o Washington Post (*apud* Kobre, 2011), tal classificação é composta pelos itens: Íntimas, Emotivas, Gráficas e Informativas. O estudo se deu com as imagens da revista e a contagem dos tipos de imagens, e, posteriormente a análise das imagens.

Em seguida as imagens foram analisadas adotando-se a proposição metodológica de análise e interpretação das fontes fotográficas proposto por Kossoy (2009): A desmontagem do signo fotográfico. Tal método consiste em buscar o que há por trás de cada imagem, a trama e mistério escondido atrás de cada fotografia.

A classificação de imagens se dá segundo a hierarquia de seleção do *Washington Post*. Se classificando, por ordem de importância, em:

- **Íntimas:** Representam o maior desafio fotojornalístico, as mais pessoais, mais difíceis de definir, incluem imagens que fazem o leitor sentir-se próximo da situação ou do tema. Por apenas um momento, esse tipo de imagem transforma o leitor em um participante. Claro, como afirma Joe Elbert - durante vinte anos diretor-assistente de fotografia do *Washington Post*- o que é íntimo para um leitor talvez esteja num nível emocionalmente atraente para outro.
- **Emotivas:** Esse tipo de foto faz o leitor sentir algo sobre o tema, não apenas intelectualiza a matéria. Fotos emocionalmente atraentes adicionam dimensão a uma matéria ao invés de repetir o que já está escrito. Algumas imagens capturam



a emoção da pessoa. Pessoas chorando, rindo, batendo ou se abraçando resultam em imagens emocionalmente atraentes.

- Gráficas: Imagens graficamente atraentes. Bons fotojornalistas adotarão um trabalho de rotina e tentarão encontrar uma maneira de fazer fotos interessantes em uma situação entediante. Para isso seria necessário buscar molduras, perspectivas, planos e enquadramentos para adicionar o interesse visual a um tema do contrário banal.
- Informativas: Fotos informativas representam o “menor denominador comum” segundo Elbert. Como o padrão de Quem, Quê, Onde, Quando, Por quê e Como, que são os principais elementos em uma matéria escrita, imagens informativas comunicam os fatos sem sabor.
- Já a análise, de acordo com Kossoy (2009) a desmontagem do signo fotográfico passará por:
 - Análise Iconográfica: Reconstituição do processo que originou a fotografia e minuciosa identificação dos detalhes icônicos que compõe seu conteúdo;
 - Interpretação Iconológica: Resgatar a história própria do assunto e buscar a desmontagem das condições de produção, o processo de criação que resultou na representação em estudo.

Também foram selecionados outros pontos importantes para observação em relação à estética fotográfica:

- Uso do Preto e Branco

Em um mundo colorido, imagens em preto e branco às vezes se destacam. Embora hoje em dia as publicações possam facilmente usar cores, algumas optam por publicar imagens em P&B. Imagens em P&B transmitem um ar de dignidade e seriedade. Tons de cinza significam um estilo documental tradicional e respeitado. Fotos jornalísticas em P&B destacam-se contra anúncios coloridos concorrentes. A crítica Susan Sontag escreveu em *On Photography* que fotos monocromáticas em P&B dão à imagem uma sensação de passado, distância histórica e aura (KOBRE,2011).

- Luz como elemento narrativo



Seja difusa, vindo de lado, ou direta, a luz em todas as suas várias corporificações geralmente determina o humor da imagem. Quando os fotógrafos fazem uma foto fortemente iluminada que só contém algumas sombras, a foto é chamada de “Chave Alta”. Quando se deseja um efeito mais melancólico, os fotógrafos escolhem uma iluminação que deixará grandes áreas da imagem na sombra. Os tons predominantes na foto são cinza-escuro e preto. A iluminação sombria chamada “Chave Baixa” ajudará a dar o tom principal da matéria (KOBRE,2011).

- Corte: Enquadramento perfeito

Os jornais e sites trabalham com espaços delimitados para imagens, que por muitas vezes podem comprometer a foto. Para salvar suas fotografias, vários jornalistas estudam design, pelo menos nos jornais e online. Eles querem decidir como suas imagens são cortadas e dimensionadas (KOBRE,2011).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A terceira edição da revista Caracteres totalizou 72 páginas, distribuídas entre as oito matérias, contando com 50 imagens no total. Para a análise foram categorizadas as cinquenta imagens, de acordo com Kobre (2011).

A proposta é identificar quais procedimentos técnicos foram utilizados, bem como características estéticas e sua capacidade de atrair a atenção dos leitores para a matéria. Para exemplificar cada categoria proposta, foi selecionada uma página de cada uma das matérias da revista, onde foi realizada uma análise detalhada em relação aos aspectos propostos na metodologia.



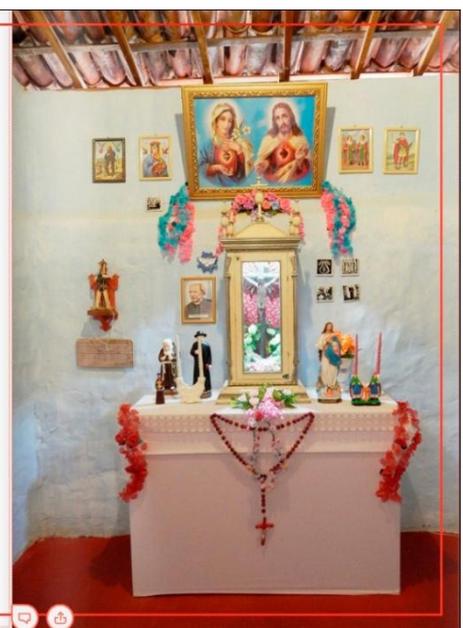
Tabela 1: Classificação das Imagens.

Categoria	Incidência	Exemplos
Íntima	8	<div data-bbox="446 347 1348 974"> <p>A rua como extensão da CASA</p> <p>Reportagem e Fotos Rejane Lima</p> <p>Já observaram que de uns anos pra cá a rua vem se estendendo? O alto índice de violência circunscrita na vida urbana tem grande parcela de culpa desse deslocamento dos moradores sobre a ocupação do espaço público, provocando o isolamento das pessoas. Para bem, isso não acontece em todos os lugares, existem comunidades onde a casa não é o único espaço integral da vivência pessoal. No bairro Parque Trilápis, em Hazretos do Norte, moradores dedicaram da rua de frente desprotegida e construíram, configurando "públicas" e "privadas", promessas e sorrisos, através de um importante ambiente e faz com que - a calçada, "parte de extensão pra outro mundo", como declara Maria Lídia, uma das moradoras do bairro.</p> <p>O uso do espaço público como extensão da vida privada, desperta curiosidades, mas, não é de total estranheza. Quem já não viu na calçada crianças brincando, senhores sentados conversando em fim de tarde? Não é preciso muito esforço para notar ainda, atividades como, fazer crochê, estender roupa no varal, fazer unhas, jogar tabulei, comer, colocar carte de sem ligada e comemorações, hábitos típicos da vida pessoal que nos remete a um limite arquitetônico do que chamamos de casa.</p> <p>Mas, o que leva tais ações sair da casa para a exposição aos outros? Qual o significado dessa economia, e</p> <p>como os moradores vêm esses hábitos e o que entregam a partir dessa calçada?</p> <p>Para entender como funcionam essas ações, existe uma série de variáveis a considerar na observação desses modos de viver que representam tanto nossa individualidade, como coletividade. Alguns moradores do bairro Trilápis em Hazretos declaram a satisfação em estar na calçada e tentam explicar o significado desse ambiente. Para o antropólogo Roberto DaMata é preciso observar esses lugares com olhos mais complexos, considerando que não se limitam à espaços geográficos entre quatro paredes. Para ele, esse ambiente são constituintes de sentidos morais. Compreender o significado de "casa" e "rua" e quais suas relações com nossa cultura, implica em problematizar a calçada e vê-la não apenas como limite entre um e outro, não apenas local familiar, mas, espaço que vale ser desvendado e conhecido.</p> <p>Espacos reconfigurados</p> <p>De acordo com estudos históricos, a casa na construção de local privilegiado, físico, estava atrelada à configuração dos costumes "tradição", onde as famílias participavam em "festa de padroeiro". O espaço da casa era de privilégio e domínio sobre os que não tinham um teto. Essa na e está em casa simboliza</p> <p>“A varanda é aquela parte frontal e aberta da casa, onde se tem visão privilegiada da rua e pode-se tanto se sentir protegido como exposto”</p>  </div> <div data-bbox="446 1019 1348 1265"> <p>mente 8 km de sua residência, "é muito cativante, mas vale a pena o esforço", diz ele. Como toda gente de sua idade, gosta de ficar com os amigos e ouvir música "gosto de funk, funk, swingueira, de brincar com meus colegas e de jogar futebol".</p> <p>O que incomoda o rapaz são as pessoas que não acreditam na sua capacidade, "sem pessoas que dizem 'lá, você não tem a capacidade de ser jogador, não joga bem', mas acredito em mim e sei que posso ser um grande jogador".</p> <p>O preparador físico, Clever Maranhão Ferreira, 44 anos, ressalta que ele é um dos jogadores que possui melhor condicionamento, "Ele não pode pra sair em nenhum momento ou faz cara feia pra o que é mandado fazer", diz. O treinador do time confia muito no trabalho dele e no de outros zagueiros, que em todos os jogos são como oficiais são sempre os titulares.</p> <p>Seu pai, Paulo Roberto Cardoso de Araújo, 37 anos, diferente de alguns pais de outros jogadores, lhe dar todo o apoio e até conseguiu um teste para filho mais chique maior, o Atlético Paranaense de Curitiba, em Pernambuco. O clube possui infraestrutura melhor, com sede própria e mais recursos. Intencionalmente o garoto não passou na triagem, pois segundo os avaliadores ele não possuía uma altura adequada para jogar nesse time. Paulo não se intimidou e voltou para Hazretos com mais garra ainda, "É a mesma coisa e tenho certeza que tenho oportunidades de vir". Não é uma coisa que depois disso se tornou o ca-</p> <p>prido do time e durante os jogos mantém a postura e sempre muito bem o papel que lhe foi confiado, dizem os sempre jogadores de incentivo aos colegas e chamando a atenção deles quando necessário.</p> <p>Paulo é de poucas palavras, como quase todo zagueiro, mas demonstra que tem toda capacidade de se tornar um jogador profissional, e se depende de seu pai, ele vai conseguir.</p> <p>Já Vitor Natanael da Silva Santos, 14 anos, mora com os pais e dois irmãos. É torcedor do São Paulo, e adora jogar. Tem uma paixão imensa pelo futebol, "É um dos melhores times criados que inventaram no mundo. Quando estou jogando esqueço do mundo e dos problemas".</p> <p>O garoto começou treinando em uma escolinha pequena, logo, jogou pelo Campo Grande, e há seis meses é um dos atacantes do time "quero ser jogador de futebol, pois desejo dar um bom futuro pra minha família, pois eles me ajudam e me dão apoio", diz. Tem como maior incentivador, o pai, que está presente em todos os jogos do filho. O menino fala com simplicidade e amor de seu maior ídolo, "Só existe uma pessoa que é minha inspiração: meu pai. Porque eu nunca o vi jogar, mas ele me conquistou dando três toques numa bola. Uma pessoa pode dizer 'mas, mas três toques numa bola é o suficiente?' mas eu vi e conheço. Essa cara é meu pai. E meu ídolo". Para se aperfeiçoar, Natanael usa os "tudo está bom" do seu mestre, "Pra ele eu sempre passo melhor e dar mais de mim", diz. Seu pai, Marcelo Santos, foi jogador profissional, passando por times como o Grêmio e o Santos, atuando como lateral-esquerda, mas hoje trabalha como técnico em um condomínio.</p> <p>Natanael, como é chamado pelos amigos e companheiros de equipe, é um menino centrado e focado naquilo que deseja alcançar. Não tem medo de tomar decisões, "As dificuldades existem, mas isso não é motivo pra você abater a cabeça. Você não</p> <p>deixa de tentar e sempre é o melhor jogador do mundo e dos problemas".</p> <p>Natanael Santos: "Quero estar jogando esqueço do mundo e dos problemas".</p>  </div> <div data-bbox="446 1288 1348 1646"> <p>Equipe composta de garotos em busca do sonho de ser jogador de futebol profissional</p>  </div>



<p>Emotiva</p> <p>1</p>	<p>o pito de sítio [...] Lá eu vi rios de latido barulho de carne cozida e legumes de mal de alho e dentes de couba de carne cozida.”</p> <p>O velho “Gracá” em Vidas Secas descreve, por sua vez, a hostilidade do sertão, a injustiça humana, o vício: “O cavalheiro, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono”. Vidas Secas tem o olhar do sereno e fugido do poeta, em busca de vida em outras paragens. Vida de restar, a importância de Fabiano diante do flagelo natural.</p> <p>Em outras letras o vaqueiro vacante função mítica. As lendas são muitas. Cangaço e foga, misto de luta com a natureza. Um herói. Um Hércules sertanejo. Amansar cavalos e preparar os animais; preparar os campos de pastagem; transportar suas famílias. Tarefa do homem e seu império.</p> <p>Lendas e verdades contadas, agora, pelo vaqueiro aposentado Expedito Gregório (pai Teó), seu neto Lancelo Militão Vilas e Clécio Pereira (Lancelito). Gracá e o vaqueiro com sua história. Espaladas por todo o nordeste brasileiro.</p> <p>Cangaço não falta ao vaqueiro de ontem e o de hoje, mesmo diante das mudanças ocorridas em decorrência da globalização.</p> <p>Tanto que é homenageado em todo o Nordeste. A principal celebração é a A Missa do Vaqueiro, um evento religioso, tradicional na cultura popular nordestina. É um acontecimento cultural que tem sua origem</p>	 <p>Grupo de vaqueiros fazem novilha brava aventura cotidiana</p> <p>atividade desse profissional a realização de trabalhos culturais em fazendas, pastos e outras plantações para criação animal; alimentar os animais sob seus cuidados; realizar ordenha e cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade; auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados; netos e preparar animais para eventos culturais e socioeconômicos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência e efetuar manutenção nas instalações dos animais sob seus cuidados. A lei garante como direitos dos vaqueiros - carteira assinada, férias, décimo terceiro, salário família etc.</p> <p>Mas o vaqueiro, o símbolo maior do sertão, resistiu às mudanças. Como</p> <p>conta no Crônel “Ofício do Vaqueiro” Antônio Ribeiro da Conceição: “Gracá a desce que o vaqueiro grande herói do sertão? Se vaqueiro sempre foi Teó o seu ofício agrava? Ofício qualificado? Vista como profissão? Exige prática e talento? É choro de justiça? Para falar com o galdo no pé da repaçaço? Fazer que os bichos entendam? pra o canto do galdo? [...] E Deus que criou o vaqueiro? Não sabe? Lá no campo ou no curral? Muitas coisas do ofício.”</p> <p>Tudo foi uma construção circunstancial, o contato com todos, e conversa no campo e a sensação de ser o vaqueiro português o sertão, foi algo que me marcou fortemente em minha produção.</p> <p>Experiência do repórter</p> <p>Como uma matéria jornalística convencional, “A verdadeira vida de Vaqueiro”, foi produzida a partir de pesquisa de campo. A ideia de produzir esse trabalho foi uma sugestão que fiz e em seguida aprovada por todos que fazem parte do laboratório de Imprensa. Já tinha contato anterior com os Personagens, fato que colaborou para o melhor andamento do trabalho. A construção da matéria, foi feita em duas visitas de campo e várias horas de conversa coletivas e individuais.</p> <p>A princípio foi fácil, os entrevistados colaboraram com muitas informações, tanto nos depoimentos quanto em sugestões de melhor horário para gravar boas fotografias. Por outro lado, tive muitas dificuldades para selecionar fotos e textos dos vaqueiros que melhor representassem a profissão.</p>
<p>Gráfica</p> <p>12</p>	<p>70 - <i>Revista Caracore</i></p>	 <p>An laço de uma estrada, de uma verdeira estrada de mão carterio que reflete a paisagem desceparada, uma casa de tijolo foi erguida sob pedras imponentes. De laço laçado e viciados com paredes brancas e tijolos, elas foram levantadas a mais de cinco décadas. Tem apenas dois cômodos, a sala e o quarto. O habitante impregnado na parte de fora do rancho coloco em algumas palhas de bananeiras. O uso do barro e febre de terra, mas de arca sem vicijs, já desgastado pelo tempo, tem as pedras quebradas e as juntas desfeitas, deixando passar muita água no período da chuva. E durante o inverno, as gotas d'água que caem, formam pequenas poças por causa do chão de terra batida, mas são compostos em minutos, as cominas e as pedras de terra, simultaneamente porque não tem nem cruce.</p> <p>“Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá - fazendeiros de fazendas, almirantes de vaqueiros de bem vender, as vazantes, cultura que vão de mata em mata [...] Enfim, cada um que quer aprova o senhor sabe: não ou pára e questão de opiniões. O sertão está em toda a parte.”</p> <p>Guimarães Rosa Escritor</p>  <p>O calor do sertão deixa a terra seca, porém permite as cores vivas e alaranjadas, os muros das paredes de adobe e da arte do telhado. Uma casa amarela se destaca à sombra de um velho amigo. Ao fundo uma arena paralela situa o contato com a modernidade. A frente amarela e a geometria que lembra Alcebades Vaz e seus herdeiros. A presença da marca consumida de tijolo, muito achada, escura e baixa. Batidas no barro, muitas desfilam a estética frontal da arquitetura e representam uma beleza singular.</p> <p>Novembro 2014 - 11</p>



		 <p>O grafite retrata temas como violência e questões sociais</p> <p>Muitos grafiteiros exibem a violência como forma de protesto político.</p> <p>Letras de spray formam o mapa do Brasil</p> <p>Experiência do repórter</p> <p>Eu conheci a galeria do grafite através do skate. Sou skatista. Minha relação do skate e com o hip-hop é muito íntima. Por isso foi muito fácil conversar com eles e muita coisa aconteceu nos meus primeiros momentos. Os agentes desses dois tribos tinham se dado muito bem. Então sempre se cruzando no "meio do mundo". É uma galeria que está sempre viva. Entretanto cada um, que relataram suas experiências de vida, de artistas de rua. Foi pichador também. Isso facilitou o diálogo que mantive com meus amigos na coleta de informações para a matéria. Espeto com esse reportagem contribuir para a divulgação da importante arte do grafite em Belém.</p> <p>62 - Revista Caracaras</p>
<p>Informativa</p>	<p>28</p>	<p>A cultura através das RENOVAÇÕES</p> <p>Reportagem e Fotos Francisco Mário</p> <p>O catolicismo no Ceará, antes como no Brasil, remonta a época de sua colonização. Os primeiros brancos que vieram com o intuito de colonizar a terra trouxeram também suas características culturais e religiosas. Foram de lá que marcaram o início do catolicismo no Ceará. As manifestações religiosas caritativas começaram vinculadas à figura do viajante, que tinha como atividade fundamental a pregação e trouxe para região fortes características do catolicismo português.</p> <p>Foram de lá que nasceu o bumba-meu-boi, o folclore de origem indígena e de origem, os festejos tradicionais no Ceará: as festas de devoção, entre elas as romarias e os santuários dedicados aos santos. Essas e outras tradições continuam presentes no cotidiano de muitas famílias, que se dedicam a propagar a fé. Ceará possui diversas manifestações populares religiosas, fator evidenciado nas devoções ao Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria, que acontecem na região do Cariri.</p> <p>As práticas devocionais a Jesus e Maria são milenares, relatadas nos textos sagrados para os cristãos. No entanto, na Região do Cariri essas devoções ganharam novos significados e são fortemente vivenciadas. Elas acontecem diariamente. Milhares de famílias realizam festas especiais de consagração dos seus membros ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria. As práticas se repetem ao longo dos anos e tornam-se uma expressão popular, cultural, de fé e propagação das principais crenças.</p> <p>Essas consagrações são as tradicionais romarias. A devoção é repleta de traços culturais e de fé. Como em um contexto semântico e religioso, está profundamente ligada a um momento de reafirmação, renovação, transformação e mudança na família, que realizam as renovações juntamente com os seus amigos e familiares. É um momento especial de fé, agradecimento e pedidos de bênçãos a Jesus e Maria, além dos votos de devoções das famílias.</p> <p>Cariri cultura e religião</p> <p>Localizada no sul do Ceará e com população estimada em mais de 200 mil habitantes, segundo o IBGE, 2014, a Região do Cariri é conhecida por suas potencialidades ambientais, socioeconômicas e diversas manifestações culturais e religiosas. Entre essas manifestações estão as devoções ao Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria, observadas através das renovações vivenciadas nos municípios de milhares de famílias caritativas.</p> <p>As questões culturais na região do Cariri são fortemente representadas no cotidiano das pessoas, nas comunidades, nas escolas e outros espaços de discussões. Uma infinida-</p> <p>“O ambiente de devoção, popularmente chamado de ‘sala do santo’ é o espaço em que as famílias fazem as orações. Especialmente no dia da renovação, quando disponibilizam atenção especial na ornamentação.”</p> <p>Cleora Jean Celebrante</p> 



As categorias hierárquicas, de acordo com o editor assistente de fotografia do Washington Post, Joe Elbert, citado por Kobre (2011) colocam as fotos íntimas como o maior desafio do fotojornalista; e as informativas entram na categoria mais baixa. Na revista detectamos em maior incidência de imagens que se encaixaram no perfil de Informativas (28); em segundo lugar ficaram as imagens Gráficas (12); seguida pelas Íntimas (8) e emotivas (1).

De acordo com o editor do Washington Post, Joe Elbert, fotos informativas representam o menor denominador comum. Segundo ele, esse tipo de imagem comunica o fato sem sabor. São por demais ilustrativas, por isso não têm a configuração das demais categorias. Verificou-se 28 fotos nessa categoria, como a imagem do altar na reportagem “A Cultura através das Renovações”.

Foram anotadas 12 fotos classificadas como Gráficas, ou seja, imagens graficamente atraentes, como os detalhes das imagens na matéria “Arquitetura do Sertão”.

Na categoria imagens Íntimas catalogamos oito imagens. As mais pessoais, as difíceis de definir. Imagens que fazem o leitor sentir-se próximo da situação ou em sintonia com



o tempo. Dentro da classificação do jornalista, esse tipo de imagem transforma o leitor em um participante. É o caso da matéria “A rua como extensão da casa”.

Por último na categoria Emotiva foi identificada apenas uma imagem, a da reportagem “A resistente vida de Vaqueiro”. A imagem traz um apelo emocionalmente atraente, fazendo com que o leitor sinta algo sobre o tema e, não apenas, intelectualize a matéria. Dimensionam, ainda, a reportagem, não repetindo apenas a linguagem verbal.

As categorias que mais se sobressaíram foram a Informativa, com 28 incidências; e a Gráfica com 12 incidências. Isso revela o baixo potencial de fotos nas categorias ressaltadas como as de maior dificuldade de captação segundo o editor do Washigton Post: Íntimas e Emotivas.

Não foi utilizado o recurso do preto & branco em nenhuma imagem da revista. Os recursos de edição utilizados foram apenas em relação ao tratamento de cor, não alterando ou interferindo no resultado das imagens.

Constata-se assim que não houve manipulação de imagens. Recursos de corte e enquadramento foram utilizados apenas em algumas imagens da publicação, o que, conseqüentemente, interferiu no resultado final da narrativa fotográfica, tornando-a estática e pouco poética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num momento de rápidas transformações na esfera do jornalismo, compreendemos a função do fotojornalista como difusor de informações e conhecimentos. Para isso, o profissional deve contemplar habilidades e competências complexas, num campo determinante para a vida em comunidade: a informação.

De acordo com análise das imagens na revista “Caracteres”, foi possível observar que a prática da fotojornalismo nas disciplinas no campo (Fotojornalismo) necessita de maior aprofundamento e não atendeu a necessidade da construção de um produto impresso. Apesar da qualidade técnica das imagens, faltou maior sensibilidade e apuração do olhar do estudante diante de uma prática profissional cada vez mais complexa.



Acredita-se que as práticas interdisciplinares nestes dois campos – Fotojornalismo e Jornalismo Impresso – precisam de uma maior articulação e alinhamento.

REFERÊNCIAS

KOBRE, K. **Fotojornalismo: Uma abordagem profissional**. Rio de Janeiro: Ed. Elsevier, 2011.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ed. Ateliê Editorial, 2009.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. São Paulo: Ed. Ateliê Editorial, 2001.

LOPES, D, F. **Jornal-laboratório: Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo. Ed. Summus, 1989.

OLIVEIRA, E, M. **Fotojornalismo: Uma viagem entre o analógico e o digital**. São Paulo: Ed. Cengage Learning, 2009.